



## SEGUNDA PARTE

### DESENVOLVIMENTO REGIONAL: TEMAS DIVERSOS

## PODER, TEMPO E ESPAÇO NO MUNDO AGRÁRIO CONTEMPORÂNEO<sup>1</sup>

*José Marcos Froehlich \**

*Cada realidade social secreta seu tempo ou suas escalas  
de tempo, como vulgares conchas...*

(F. BRAUDEL)

### Resumo

Este trabalho deriva-se de uma pesquisa realizada na comunidade rural de Vila Block (São Sepé-RS), que tematizou o discurso sexual e as relações de poder. A análise destas questões impescindiu da reflexão sobre o espaço e o tempo, apontando para um redimensionamento destas categorias. Tal processo revelou a acentuada necessidade dos estudos sociológicos agrários, para maior força explicativa dos fenômenos sociais contemporâneos levarem em conta a interação produtiva existente entre estas noções. Argumenta-se que através de deslocamentos amplos nas esferas de poder, o ritmo do tempo social acelerou-se e redes de influências podem operar, hoje, simultaneamente, em espaços locais e globais. E este condicionamento possibilita alterações específicas nas configurações particulares do mundo agrário contemporâneo, que devem ser devidamente interpretadas.

### Abstract

This work derives from a research conducted in the rural community of Vila Block (São Sepé-RS), its main subject being the relationship between sex and power. This question is analyzed within the time and space framework, considering their new dimension. The research revealed the need for agrarian

<sup>1</sup> Autor José Marcos Froehlich, Agrônomo e Mestre em Sociologia, professor do CPGE<sub>x</sub>R/UFPM. Endereço postal: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Rurais, Curso de Pós-Graduação em Extensão Rural, Campus Camobi, Santa Maria, RS, CEP 97119-900.

sociological studies in order to obtain a better explanation of the contemporary social phenomenon, taking into account the productive interaction that exists in these conceptions. It is argued that through a large displacement in the power field of action, the rhythm of social time is accelerated and the contemporary influence systems can operate at same time locally and globally. These circumstances make possible alterations on the peculiar configurations of the contemporary agrarian world, which must be accurately explained.

### Introdução

O tempo e o espaço são dimensões que condicionam fundamentalmente a vida dos homens, os quais vivem historicamente produzindo relações de poder, e através destas, buscam incessantemente ampliá-lo, a fim de assegurarem um domínio cada vez mais efetivo sobre aquelas dimensões, que ainda definem muitos limites para os grupos humanos.

Assim, a reflexão sobre como se estabelecem relações entre as categorias do tempo, do espaço e do poder, no âmbito de grupos sociais contemporâneos específicos, delineando suas transformações históricas e as mudanças daí advindas no cotidiano das pessoas, torna-se, hoje, matéria relevante na ciência social. E, talvez, ainda mais na ciência social agrária, posto que sempre tematizou a questão espacial de modo muito intenso e particular, tendo nela, inclusive, um atributo originário da conformação que postula como seu campo de conhecimentos<sup>2</sup>.

Este trabalho deriva da pesquisa social que empreendemos na comunidade rural de Vila Block, município de São Sepé (RS). Tal pesquisa tinha por objeto investigar como se procederam as relações de força e as condições de possibilidades articuladas à circulação do discurso de "liberação dos costumes" em um espaço social específico (FROEHLICH, 1994). No âmbito da produtividade tática dos discursos "verdadeiros" sobre o corpo e o sexo, tentou-se delinear a funcionalidade produtiva dos agenciamentos de poder envolvidos, seus protagonistas principais e a materialidade de suas posições subjetivas. Nossa problemática se movimentava insistentemente no interior de um entendimento sobre a dimensão espacial que não podia ser ignorada, mas, ao contrário, introduzida na análise como objeto específico da investigação. O fato de estudarmos os agenciamentos de poder nos discursos sobre o corpo e o sexo, em uma geografia classificada como *área rural*, colocava a necessidade de se construir um entendimento sobre o *espaço* que

<sup>2</sup> Como aponta GOMEZ (1994), em artigo recente sobre a problemática sociológica no rural: "...los conceptos relativos a períodos de *tiempo* y de la *dimensión del espacio* nos parecen claves para una *visión moderna de la diferencia entre lo urbano y lo rural*." (p.14). (Grifos do autor).

transcendesse a mera tipologia estática baseada em *constâncias no tempo e no espaço* (SOROKIN *et alii*, 1986).

### Método

Para tanto, a metodologia utilizada na pesquisa pautou-se por conjugar os métodos genealógico e arqueológico, ambos referencializados em FOUCAULT (1987;1990), derivando-se deles técnicas qualitativas de coleta de dados, como a observação participante, a história oral (através de entrevistas semi-estruturadas), a fotografia e a análise de conteúdo.

Na problemática a se reanalisar neste artigo, tomamos o entendimento do espaço físico/geográfico como o ambiente onde se constitui o espaço social, e este, como um espaço de relações. Tal abordagem permite demonstrar e compreender o complexo relacional que redefine as dimensões do espaço-tempo, hoje, em diferentes realidades. Isto se dá resgatando as condições de possibilidades específicas de cada espaço social no âmbito das integrações estratégicas promovidas pelas relações de forças sociais.

Deste modo, a partir do entendimento do espaço social como um espaço de relações, não podemos encerrar a dimensão espacial apenas em um espaço físico restrito e localizado, mas também descrever a rede de relações que este espaço social produz em seu interior, e deste, com outros espaços sociais constituídos; processo tal que atua transformando o tempo e redesenhando o próprio espaço. Na referida pesquisa, envolvendo a comunidade de Vila Block, pudemos elaborar uma sistematização dos dados que apreendia, sob diversos níveis, as inter-relações entre as categorias do espaço, do tempo e do poder. Através de uma análise histórica destas inter-relações, até as configurações do presente, tal visualização se procedeu pela descrição e mapeamento dos pontos de rupturas e clivagens da história humana, o grau de intensidade e as condições singulares de suas ocorrências.

Estas discontinuidades podem ser detectadas em diversos níveis do social, em espectros macros e micros, embora não guardem entre si implicações lineares necessárias. Mesmo trabalhoso, é preciso, justamente, ligar as linhas que as unem e marcar as lacunas que as conformam (Cf. FOUCAULT, 1992). Por este procedimento teórico podemos construir uma compreensão mais expressiva e dinâmica na objetivação do estudo de interações de categorias tão complexas, como o espaço-tempo e as relações de poder.

Assim, no estudo do espaço agrário contemporâneo, como Vila Block, é necessário trazer para a análise, quando pertinentes, os elementos que circulam na produção da realidade de outros espaços sociais e que atravessam transversalmente

a sociedade.

Portanto, nesta óptica, devemos ter sempre presente o horizonte histórico, referencializado no tempo, considerando este horizonte sob três níveis temporais, segundo a magnitude dos eventos históricos indicadores de rupturas<sup>3</sup>:

1) *A história de longa duração*: ex.: a instauração de uma ordem urbano-industrial e suas inovações tecnológicas...

2) *A história conjuntural*: baseada em fatos das últimas três décadas, analisando-se o rebatimento no universo empírico de elementos dos fenômenos sociais ocorridos neste período: ex.: a “modernização da agricultura” e suas implicações...

3) *A história ocorrencial*: os fatos e eventos no cotidiano histórico de Vila Block e região circunvizinha...

Porém, há relações entre estes níveis cronológicos, as quais se estabelecem em materialidades e acontecimentos em um espaço físico, constituindo a dinâmica do espaço social. Tais interações ficam mais visíveis sob a óptica das variações nos ritmos do tempo vivenciado e produzido por determinado grupo social, em um espaço geográfico particular. Para ilustração empírica desta interpretação, podemos trazer à análise as rupturas no ritmo do tempo social que descrevemos para a história recente de Vila Block.

### Ritmos do tempo social: histórico

Na década de 60, a vida cotidiana em Vila Block, em suas dimensões econômica, social e religiosa, apresentava um ritmo bastante próprio, e que se alterou significativamente com o passar dos anos. O ritmo de vida na Vila Block dos anos 60 produzia um tempo social imanente às circunstâncias da realidade social vivida pelos seus habitantes. Não poderia ser de outro modo, pois como lembra BRAUDEL(1978): “*O tempo social é simplesmente uma dimensão particular de determinada realidade social que contemplo...*” (p. 72).

Assim, o ritmo do trabalho em Vila Block obedecia aos limites do corpo humano, pois dependia quase que exclusivamente da força braçal. Era um ritmo de produção que ocupava bastante mão-de-obra, a qual se encontrava facilmente disponível, já que habitava no próprio meio rural. Na agricultura, mesmo a rudimentar mecanização da lavoura não deixava de tornar indispensável o uso massivo do trabalho manual:

<sup>3</sup> Estes níveis temporais foram tomados de BRAUDEL(1978).

*Tudo braçal, tudo, tudo, tudo era na base da pá, primeiro prá limpá: o fogo, né, porque era muita coisa, depois a pá prá envaletar. E pescoço de boi, era arado e disco, tudo a boi, tudo, tudo a boi, isso era 7, 8 grade, aí, 10, 12 disco a boi.*

(A., agricultor aposentado, 67 anos)

Mesmo aqueles que eram proprietários de maiores áreas de terra e grandes produtores, embora tendo mais condições de investir em tecnologia, preferiam utilizar amplamente a força de trabalho assalariada:

*Nós fazia tudo a boi, primeiros anos era tudo a boi.(...) Nós tinha empreiteiro de fora, nós mesmo tinha mais ou menos 180 boi, mas tinha empreiteiro de fora dava mais de 200 boi.*

*- E para colher tinha de ser tudo a foice?*

*Tudo a foice e trilhadeira manual.*

(G.B., arroteiro, 86 anos)

A necessidade de escoar a produção agrícola e de se deslocar de um lugar para outro esbarrava num ritmo de transporte também lento e cheio de obstáculos, condicionado pelas precárias vias de locomoção e demorados meios de transporte. O tempo das atividades era contado em dias e semanas, quando não em meses, sedimentando um jogo paciencioso e uma cadência morosa no ritmo da vida social:

*Era barca, não era ponte, muitos anos depois que eles fizeram uma ponte, e olhe, de madeira, mas antes era só na base do remo.(...)Esse rio aí no Verde era uma barca, isso mais era carroça, escoteiro, cavalo, carreta com boi...era 7, 8 carreta carregando tábuas da restinga e hoje não, hoje eles bombam a água aí, fazem o transporte da água por canos, né, e naquele tempo era tábuas, então ia aquele monte de carreta, saía daqui num dia, posavam lá, no outro dia carregava, posava de novo e no outro dia é que ia chegar em casa na boca da noite.*

(A., agricultor aposentado, 67 anos)

Os poucos meios de transporte mais velozes existentes na época, introduzidos na comunidade pela pioneira e abonada família Block, tinham a sua rapidez

consideravelmente diminuída pelas inadequadas condições de trafegabilidade existentes na região, contribuindo muito pouco para alterar o ritmo vagaroso do deslocamento de pessoas e produtos:

*Nós transportemos todo o arroz de barco pelo rio, mas depois nós compramos um caminhão, em 42 nós tinha um caminhão, todo o S. Sepé tinha dois caminhão registrado, um era nosso.*

*- E como é que era para o pessoal se movimentar de um local para outro?*

*A cavalo, carroça, puxar arroz era com carreta a boi, nós tinha 15 carreta de eixo de ferro, pagava imposto as carreta naquela época, depois caiu. Eu vim para cá eu tinha uma aranha, e tinha um auto também, um 29.*

*(...)*

*Mas que a estrada era ruim, era. Quando nós viemos, esta estrada aqui por cima, eu muitas vêz tive que mandar largar os boi da grade e puxar os auto naquela vargem, que atolava ali, perto da barca do Verde.*

*- Não tinha ponte então?*

*Não, era barca. E quando baixava o rio muito era na areia que ficava atolado.*

*(G. B., arroteiro, 86 anos)*

Mas o ritmo de vida não transcorria lentamente só no mundo do trabalho e das necessidades. A dificuldade para o deslocamento das pessoas e para a circulação das informações afetava também o mundo do lazer. O meio de transporte mais acessível para a maioria da população era o cavalo, sendo comum os homens visitarem as noivas e namoradas nos fins-de-semana através da montaria. As reuniões sociais, festas ou bailes, não tinham um grande esmero na preparação, acontecendo quase que de sobreaviso, no entusiasmo de levar adiante uma idéia de diversão surgida no "armazém" ou na "venda", após se largar o serviço. Tudo o que era necessário para se realizar o baile tinha que estar disponível no local ou perto, desde as pessoas, até a música e as comidas e bebidas em geral. Contava-se praticamente só com as pessoas do lugar e os convites se baseavam numa estreita rede de amigos e parentes:

*Aí nós se combinava sábado à meia tarde e à noite o baile tava formado. Não tinha perigo. Uma gaita velha por ali e um levava uma coisa, outro levava outra, e pão e açúcar e quando era de noite o baile tava roncando.(...)*

*- E como é que convidava as moças?*

*"Ah, mas isso era o mais fácil, isso uma Sra. saía prá um lado e outra prá outro e as próprias mulheres, as mães mesmo "aí vizinha, vamo dançar logo" e essa coisa."*

*(A., agricultor aposentado, 67 anos)*

Assim, este ritmo da vida social em Vila Block, que paria um tempo local impossibilitado de ter pressa, gestava também a cadência apropriada para a Igreja, esfera de poder das mais significativas, se fazer ouvir através de sua mensagem doutrinária. Com todas as condições de um ritmo contemplativo no tempo social, os moradores de Vila Block assentavam-se dóceis e humildes frente ao evangelho e às normatizações enunciadas pela Igreja, não levantando "problema algum" para seguirem as letras do seu código:

*...e sabe que comparando com outras igrejas, de Formigueiro, interior de Formigueiro, eram pessoas muito humildes, dóceis, que aceitavam praticamente a mensagem do evangelho tal e qual sem muitas discussões.*

*(E. B., padre, 58 anos)*

Mas a época deste ritmo moroso no tempo social de Vila Block estava com os dias contados. Há, certamente, uma conjugação de vários fatores aos quais pode ser atribuída a ruptura na cadência da vida cotidiana de Vila Block. Porém, o fenômeno social conhecido por "modernização da agricultura", que atingiu amplas fatias do espaço agrário brasileiro, jogou nesse processo de ruptura cronológica um papel fundamental. O habitante do meio rural se viu quase que repentinamente inserido numa dinâmica produtiva e sócio-cultural cada vez mais complexa e ampliada:

*O processo de modernização da agricultura rompeu com a relativa lentidão, o sossego e a vida pacata do mundo rural e introduziu o homem rural num ritmo muito mais dinâmico e febricitante,*

*envolvendo-o com exigências maiores, mais amplas e absorventes.*

(BRUM,1988,p.110)

O ritmo do tempo social tornou-se outro. A velocidade passou a dar a tônica à produção e aos transportes, multiplicando-se as possibilidades e mesmo a rapidez dos deslocamentos de pessoas e coisas. As informações começaram a circular em alta velocidade e as probabilidades de relacionamentos ampliaram-se em muito. O mundo não estava mais preso somente ao local, mas podia referir-se agora ao plano de qualquer espaço social. Como afirma BRUM(1988):

*Da enxada, do arado de tração animal e da carroça passou-se ao trator, à automotriz, ao caminhão, ao automóvel, etc.(...) Aumentou a velocidade do sistema de produção, bem como dos contatos e informações. A visão de mundo ampliou-se, abarcando não apenas o distrito ou o município, mas o Estado, o país e o plano internacional. (p.122)*

Vila Block não ficou de fora das implicações econômicas e sócio-culturais que a chamada modernização da agricultura imprimiu em sua vida cotidiana. E este processo é bem percebido pelos seus próprios moradores. O trabalho tornou-se menos duro e, junto com as máquinas, vieram também os direitos sociais trabalhistas, reguladores do tempo de serviço, contribuindo para uma maior facilidade no ritmo da produção:

*Olha, trabalho, hoje é tudo mais fácil com as máquinas, né. Primeiro se trabalhava sol a sol. Depois que entrou esses horários de oito horas.*

(G. B., arroteiro, 86 anos)

Mas é na dinâmica do trabalho propriamente dito que se nota a diferença. As atividades braçais na atualidade são muito poucas, geralmente servindo como coadjuvantes do trabalho mecânico. Hoje, além do tempo gasto para se efetuar as tarefas produtivas ser bem menor, uma só pessoa consegue fazer em bem menos tempo todo o trabalho que antes 3 ou 4 pessoas tinham para fazer. Daí se explica também a estagnação demográfica e a evasão de moradores de Vila Block, os quais vão buscar trabalho longe da comunidade

ou vão embora para outros lugares, principalmente para as cidades vizinhas:

*...mas depois que veio esse maquinário, o serviço braçal é muito pouco.*

*- Diminuiu muito?*

*...bã! Tu vê isso aí fazê madeira, mastro, tudo! Até nível de taipa, taipa a pá não se faz mais, uma vez era tudo na base da pá, agora puxa a régua, ocupa 2, 3 homens aí e depois coloca o aparelho no trator, que ele vai por conta, **um homem só faz todo o serviço.***

*- Quando é que começa a entrar esses maquinários aí?*

*(...)Ah, isso faz uns 10 anos atrás, agora esses aparelhos mais modernos aí uns três, quatro anos para cá, cinco.*

(F. M., comerciante, 56 anos)

Em todos os aspectos da vida cotidiana a dimensão do tempo alterou-se, passando a ser calculado cada vez mais em unidades menores devido à crescente velocidade que o ritmo social adquiriu. De atividades que duravam um mês ou uma semana para serem concluídas, passou-se a contabilizá-las em um dia ou uma hora. As condições de trafegabilidade, relativas à dimensão espacial, bem como os próprios meios de transporte, tiveram um avanço e uma melhoria consideráveis:

*(...)Depois que fizeram o chão batido já começou a melhorar, né, e quando veio o asfalto, então, aí melhorou mesmo.*

(A., agricultor aposentado, 67 anos)

*Hoje pegam um ônibus em uma hora tão lá. Duas, três meninas vão de ônibus, agora mesmo, segunda-feira era feriado, uma das gurias que faz caminhada comigo mesmo, elas foram a Formigueiro(...).*

(H., comerciária, 41 anos)

Assim, toda uma nova dinâmica de vida se impõe no comportamento social. O espaço social local de Vila Block não mais monopoliza o campo das

relações, mas é transpassado por uma grande circulação de pessoas, informações e produtos. Neste ritmo bastante veloz no tempo social novas práticas corporais adquirem sua legitimidade:

*Sai. Sai bastante*(o pessoal). *Aqui tem muita pouca coisa. Quando tem baile em Formigueiro ou coisa assim, a gurizada se reúne, ou em S.Sepé.*

- *E isso aí tempos atrás acontecia?*

*Ah, não! Primeiro lugar não podiam sair sozinhos, quando que iam pegar um ônibus, por que tem muita gente que vai para um baile, pega um ônibus, vai a tardinha, vai para um baile, termina o baile, fica esperando outro dia de manhã o ônibus e volta no ônibus outro dia de manhã.*

(V., cabeleireira, 29 anos)

Estas novas práticas corporais, que são contemporâneas da acelerada cadência no tempo social, ficam bem ilustradas nos relatos da geração mais jovem:

*Bom, quando eu vou a Formigueiro eu vou de noite, prá boate, são boates que tem lá, e quando vou prá S. Sepé, passo todo o final de semana, né, digamos, vou sexta, volto domingo, segunda. (...) quando é verão, de tarde eu vou para a piscina, daí de noite vou para o Fornoalha(bar), se tem alguma coisa no Comércio (clube), a gente vai para o Comércio, domingo de tardezinha, no inverno, é bom de ir prá praça, vai todo mundo prá tomar chimarrão lá,(...)mas no verão todo mundo espera o sarau,(...)de noite.*

(G., estudante, 17 anos)

Assim, todos os aspectos sociais da vida cotidiana em Vila Block sofreram transformações quando referidos à dinâmica temporal. O discurso codificante da Igreja não mais encontrou com facilidade aquele tempo contemplativo que lhe era familiar e propício, mas começou cada vez mais a defrontar-se com um ritmo veloz, capaz de produzir novas experiências de vida:

*Começamos depois de 70, a escola aumentou, a influência também dos professores que vinham de S. Maria, os meios de transporte também que em 64, 65 acho que só tinha 2, 3 caminhonetes, carros lá dos patrões, ônibus também.(...)Estrada de chão...quando chovia era barro por ali...depois de 70 começaram também com o meio de transporte, sair, eles começaram a viajar prá S. Maria, S. Sepé, aí que entrou também uma nova visão da vida.*

(E. B., padre, 58 anos)

As transformações pesquisadas no âmbito escolar de Vila Block são um exemplo claro, entre outros, de que as práticas e as enunciações produzidas por essa “nova visão da vida”, mencionada pelo padre, construíram lá espaços privilegiados de exercício de poder<sup>4</sup>. Portanto, a análise do “saber” sobre o corpo e o sexo que empreendemos na pesquisa envolveu necessariamente a idéia de um “espaço de relações”, onde (ou através de) integrações estratégicas de poder redimensionaram a categoria do “espaço-tempo”.

#### Poder, espaços e tempos sociais

Quando descrevemos a ruptura na cadência da vida social transcorrida na comunidade de Vila Block, centramos nossa análise nos diferentes tempos sociais que espacializavam-se naquela realidade, nas suas diferentes velocidades e dinâmicas próprias. Cabe agora, portanto, no início deste tópico, caracterizarmos mais detalhadamente as ligações que interpretamos existir entre os espaços, as temporalidades e as relações de poder. Como já insinuamos, o entendimento do meio rural como um espaço de relações é fundamental para delinear tal análise. Assim, explicitamos nossa interpretação do espaço agrário como: “(...)um locus de relações sociais de produção específicas, em uma formação social determinada.” (TAVARES DOS SANTOS, 1991, p.15). Deste modo, poderemos, então, compreender as peculiaridades do tempo social enquanto dimensão ativa da realidade no espaço local de Vila Block. E também as transformações ocorridas nos ritmos deste espaço-tempo social.

Até a década de 60, Vila Block produzia seu tempo social consoante às limitações de seu tempo histórico, configurado em uma relativa lentidão na

<sup>4</sup> Cf. FROELICH(1994, pp.65 e 111). Aproveitamos para alertar que a noção de poder com que trabalhamos é aquela que o define como a capacidade de agir sobre as ações possíveis, seja de indivíduos, grupos ou instituições. Cf. FOUCAULT(1988).

esfera do trabalho, da informação, do deslocamento, do transporte, do lazer, etc. Podemos dizer, de certa forma, que seu espaço social era o seu espaço geográfico. Porém, o desenvolvimento extensivo e intensivo das forças produtivas, em termos de capital, tecnologia, mercado, divisão do trabalho social, força de trabalho, etc, ocorrida nas últimas décadas no Brasil e no mundo, não poderia deixar de trazer transformações fundamentais ao espaço agrário, já que este é um espaço de relações.

No campo brasileiro, a dinamização destas forças produtivas tem na chamada "modernização da agricultura" um de seus principais fenômenos sociais. Esta permitiu, associada a um intenso e generalizado processo de inovação tecnológica, agilizar realocações e deslocamentos diversos no espaço agrário. A atuação de corporações agro-industriais e Meios de Comunicação de Massa, por exemplo, teceram e tecem o entrelaçamento com o mundo rural. Porém, este processo não aconteceu sem realinhamentos amplos nas esferas de poder:

*Aos poucos, ou de repente, conforme a província, o país, a região, ou o continente, a sociedade agrária perde sua importância quantitativa e qualitativa na fábrica da sociedade, no jogo das forças sociais, na trama do poder nacional, na formação das estruturas mundiais de poder. (IANNI,1993,p.03)*

A ruptura com o tempo "contemplativo" e com o espaço local que geriam a vida até então se dá sob a égide hegemônica da sociedade urbano-industrial. O espaço local e o espaço global tornam-se apenas faces de uma única realidade, onde ambos se transformam num movimento interativo. A expansão das inovações tecnológicas provoca hoje uma verdadeira ampliação do espaço social, onde:

*ocorre uma progressiva e reiterada urbanização do mundo agrário, transformando radicalmente o modo de vida, pensar, sentir, agir e imaginar dos que se dedicam a atividades rurais. As técnicas e os processos de trabalho, assim como os padrões e os valores sócio-culturais envolvidos na organização da vida social, modificam os horizontes de uns e outros, aproximando-os cada vez mais dos urbanos, nacionais, internacionais, transnacionais, cosmopolitas.(...) Aos*

*poucos, a cidade não só absorve o campo, subordinando-o, como o absorve e, em muitas situações, o dissolve. (IANNI,1993,p.10)*

No mundo de hoje, mais do que em qualquer outra época histórica, podemos falar de um espaço total (**globalização**), entendido como o espaço mundialmente solidário, onde as reordenações sócio-espaciais advêm de intervenções concomitantes de: "...redes de influência operando simultaneamente em uma multiplicidade de escalas e níveis desde a escala mundial até a escala local." (SANTOS,1990,p.167). À velocidade crescente em todas as esferas da vida social acompanha uma mundialização do consumo, onde os grupos humanos consomem bens materiais e simbólicos que se originam longe de suas fronteiras. O espaço agrário integra-se à velocidade da sociedade urbano-industrial, não só no que se refere à esfera da produção de bens materiais, mas também na proliferação de bens simbólicos, circulando e difundindo-se, assim, enunciados de urbanidade, secularização, individuação, racionalização, etc<sup>5</sup>.

O ritmo do tempo social cadenciado por esta mundialização do consumo não tem mais nada de "contemplativo", de durável, de vagaroso, da lentidão dos dias e meses, mas opera com a dimensão do efêmero, com a velocidade, com a apologia do imediato, com o ideal do instantâneo<sup>6</sup>. A vida deve ser vivida intensamente em cada um de seus momentos<sup>7</sup>. É necessário consumir a

<sup>5</sup> A idéia de *globalização*, tão polêmica atualmente nas ciências sociais, é analisada por IANNI sob a óptica da expansão das forças produtivas e do desenvolvimento do capitalismo, que deslança um novo surto de acumulação. O rural é integrado neste fenômeno: "Os processos de concentração e centralização do capital, em escala mundial, revolucionam as condições de vida e trabalho no campo, acelerando inclusive a urbanização como estilo de vida, modo de localizar-se no mundo." IANNI, O. *Notícias do mundo agrário*. Porto Alegre: PIPSA/UFRGS, mimeografado, OUT/1993, p.04. Já RIBEIRO alerta para o perigo de se fazer transposições mecânicas da economia e da idéia do "mercado global" para a área da cultura, pois o imaginário não pode mais ser concebido como simples *superestrutura*, já que produz efeitos tangíveis e, nos dois sentidos da palavra, significativos. E a cultura e o imaginário de um grupo social são dimensões bastante singulares e, num certo sentido, definidoras da existência deste grupo. Cf. RIBEIRO, R. J. "Cultura & ética", *Então*, Nº 17, Porto Alegre, 1994, p.07.

<sup>6</sup> Curioso notar que o movimento *Punk*, de conotação radicalmente urbana-industrial e, portanto, contraposto ao bucolismo do movimento *hippie*, surge justamente nos meados da década de 70 na Inglaterra. Este movimento que nasce com a banda *Sex-pistols*, difundiu-se por todo o Ocidente, inclusive o Brasil. Um dos *slogans* da banda e do movimento era justamente "Viva rápido, morra jovem!". Outra variante mais popularizada desta idéia é o aforismo que prega que: "É preferível viver dez anos a mil do que mil anos a dez". Estes *slogans*, difundidos pela indústria cultural, nos dão uma noção aproximada da idéia de tempo que se tenta produzir em nossa época.

<sup>7</sup> Aqui parece pertinente se mencionar a idéia de WEBER: "Time is money", tomado, então, por uma época que substituiu a austeridade e o autocontrole que caracterizavam o capitalismo ascético no infleto da modernidade por elementos hedonistas e consumistas, aos quais interessa manter uma crescente velocidade na realização do capital. WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 7a. ed. São Paulo: Pioneira ed., 1992.



existência até o seu último suspiro. Mas consumir-se, consumindo. E se a vida é única e não há a certeza de uma outra vida além desta, é preciso torná-la a mais prazerosa possível: viver na terra o ideal do paraíso celeste. Na esfera privada e existencial, o corpo, por exemplo, onde repousa a vida humana, torna-se objeto de técnicas, de cuidados, de prazeres. E o sexo, um dispositivo que deve evocar sempre a maximização deste prazer. Neste particular, os deslocamentos nas esferas do poder visualizam-se, por exemplo, focalizando-se os controles da Igreja, que imprimiam um tempo regrado às atividades sexuais; estes perdem hoje grande parte de sua funcionalidade frente aos instrumentais técnicos que possibilitam e priorizam o prazer imediato, referidos à decisão individual:

*...o homem e a mulher podem gozar dos prazeres sexuais, guiados pela razão, não só pelo instinto, gosto de fazer hoje então faço; não, hoje não deve, não quero filho, então espero amanhã. Os meios químicos e todos que descobriram...camisa-de-vênus...fazem com que se possa perder a razão, queremos agora e queremos agora e não tem problema, não tem mais nenhum controle, estes a Igreja condenou e acho que tem razão em condenar.*

(E. B., padre, 58 anos)

Mais do que a possibilidade que se abre, através dos meios anticoncepcionais produzidos pela ciência, de “se perder a razão” e realizar o desejo sexual de forma relativamente imediata, há também o jogo do consumo do prazer. Não foi certamente a produção de meios anticoncepcionais que *causou* a atividade sexual desvinculada da finalidade procriativa, mas justamente foram as demandas por uma prática sexual que priorizava o prazer sem os compromissos da reprodução, que deram legitimidade a todo o investimento financeiro-tecnológico, o qual, então, deu suporte às pesquisas e descobertas nessa área. Fica evidente neste jogo de relações que os interesses do complexo industrial-farmacêutico e a hegemonia do “saber” científico e tecnocrático predominam e se impõem sobre os interesses e o “saber” da Igreja. São as realocações nas esferas do poder mediante transformações dimensionais e domínios do espaço-tempo<sup>8</sup>.

<sup>8</sup> Maiores referências empíricas e análises sobre estes aspectos estão em FROEHLICH(1994). A idéia de “espaço-tempo” que tomamos como referência neste estudo sociológico, e que deve ser melhor aprofundada, vem da física quântica. Cf. CAPRA(1983): “De acordo com a teoria da relatividade, o espaço não é tridimensional e o tempo não constitui uma entidade isolada. Ambos acham-se intimamente vinculados, formando um *continuum* quadridimensional, o “espaço-tempo”. Na teoria da relatividade, portanto, nunca podemos falar acerca do espaço sem falar acerca do tempo e vice-versa.”(p.54).

### Deslocamento de espaços na produção política do tempo

A multiplicidade de escalas, mundial e local, com que estas redes de poder operam, influenciaram o espaço de relações em que Vila Block estava imersa, perturbando a produção de “seu” tempo social e deslocando o centro sob o qual girava sua vida cotidiana. O eixo das relações que ordenava o espaço local em Vila Block referia-se quase que somente, ou principalmente, ao espaço familiar. Porém, o deslocamento dos espaços de relações agenciado pela articulação de redes de poder nas últimas décadas é visível. O próprio agente religioso é capaz de nos descrever a percepção geral deste fato:

*Nos 60 praticamente não tinha clube, não tinha salão da Igreja, não tinha meio de transporte, então a vila praticamente girava ao redor da família, dos vizinhos, dos parentes. Hoje a vida não gira mais ao redor da família, os rapazes de Vila Block nos domingos você não encontra quase ninguém em Vila Block, você encontra eles em S. Maria, S. Sepé, sábados de noite você encontra eles em outros lugares, bailes fora, então, a vida mudou neste sentido, mudou o ponto geográfico praticamente que era a família e a casa e agora é S. Maria, S. Sepé.*

(E. B., padre, 58 anos)

Então, à mudança no ritmo do tempo social correspondeu também a mudanças no espaço de relações dos habitantes de Vila Block. Com uma outra velocidade no ritmo da vida, outros espaços passaram a ser ocupados, trazendo a possibilidade de se vivenciar novas experiências, práticas e saberes. E estes espaços de relações trazem consigo uma ampliação do consumo, em seu sentido lato, evocando sempre a necessidade da satisfação individual, situação emblemática do prazer. Tais condições, então, não são as mais propícias ao discurso de poder ordenador das instituições religiosas, por exemplo, pois ofuscam de certo modo a preocupação com valores mais “espirituais”. A esta **secularização** das relações somam-se menores vínculos pessoais, ou seja, uma impessoalidade das relações que dificulta um maior controle social dos comportamentos por parte da própria comunidade ou de instituições codificadoras como a Igreja<sup>9</sup>. Como

<sup>9</sup> Secularização pode ser entendida como a “*libertação do homem, em primeiro lugar do controle religioso e então do controle metafísico sobre a razão e a linguagem*”. COX, H. *A cidade do homem*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971. p.12. *Apud* DE BONI, L. A. “O catolicismo da imigração: do triunfo à crise”. IN: DACANAL, J.H. & GONZAGA, S. *RS: Colonização e Imigração*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

coloca o padre:

*Mudando o centro que era a família e colocando estes outros pontos onde você encontra, onde as reuniões são sempre ao redor dum certo prazer, beber ou sexual, um baile, etc, isto inibiu os valores espirituais. Se domingo se sonhava em ir na missa e junto da missa encontrar teus amigos, mas num ambiente diferente, é claro, onde você poderia olhar as gurias, os rapazes, os vizinhos, os parentes que vinham; agora não, agora você te encontra com um rapaz que nunca viu, com uma moça que nunca viu, e numa boate. E aí, claro, até o lugar físico... numa boate você não vai falar de Deus(...). Então, agora, é evidente que Vila Block não é mais a mesma, o ambiente, o lugar onde vivem não é mais ali.*

(E. B., padre, 58 anos)

Assim, parece claro que, atualmente, tanto quanto o ritmo do tempo social produzido em Vila Block tenta acompanhar a cadência vertiginosa do tempo social mais global, como também o "seu" espaço social não se refere mais somente ao espaço geográfico onde está confinada. E esta ruptura explica-se pelo jogo de forças protagonizado pelas diversas redes de influência, global e local, capazes de proporcionar a esta ou aquela instância de poder maior ou menor exercício.

### Considerações finais

A finalidade deste artigo, portanto, foi a de sinalizar sucintamente que, na análise social do mundo agrário contemporâneo, é preciso ter no horizonte as transformações que as categorias de tempo e espaço sofreram sob as rearticulações e dinâmicas das relações de poder. O complexo político das relações de força redefine hoje as dimensões do espaço-tempo em diferentes realidades, conformando as condições de possibilidades singulares de cada espaço social.

Assim, no estudo do espaço agrário contemporâneo é necessário trazer à reflexão os elementos que circulam na produção da realidade de outros espaços sociais, muitas vezes longínquos, e que atravessam transversalmente as sociedades, num processo hoje cada vez mais estreitamente ligado aos fenômenos do poder. Tal dinâmica tem a peculiaridade da articulação entre forças locais

e forças "externas", globais, que delineiam especificidades aos fenômenos sociais, produzidos historicamente, em um dado espaço social.

Os exemplos empíricos que mencionamos, em termos da materialidade destas transformações, como as melhorias de estradas e da tecnologia de veículos, ou das possibilidades comunicacionais frente às inovações também tecnológicas (telefonia, energia elétrica, televisão, jornais, etc), implicam, respectivamente, em uma ampliação da velocidade de deslocamento e da informação. E estes aspectos ligam-se ao domínio do espaço e do tempo, ou seja, implicam diretamente em poderes, na capacidade de agir sobre as ações possíveis dos indivíduos e dos grupos sociais.

É esta condição que desprende hoje o imaginário do "local" e cria, assim, o mundial, o global: o mundo não está mais preso ao local. E mesmo que isso seja considerado só como uma potencialidade para a maioria da humanidade, é uma nova possibilidade-limite, não raro só vivenciada mais plenamente pelas elites econômicas e políticas do planeta.

Assim, nas sociedades contemporâneas, um dos aspectos da complexidade reside em que o espaço global e o local tornaram-se faces de uma única realidade. O espaço local, seja ele agrário ou não, não mais monopoliza o campo das relações. O estudo que empreendemos em Vila Block sinaliza firmemente nesta direção: seu espaço social era seu espaço geográfico. Hoje, não há como estudar tal espaço social sem levar em conta o espaço "global", pois a reordenação sócio-espacial sofre a influência de redes de poderes que operam simultaneamente em escalas e níveis, desde os mundiais até os locais.

### BIBLIOGRAFIA

- BRAUDEL, F. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- BRUM, A. J. *Modernização da Agricultura: trigo e soja*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- CAPRA, F. *O Tao da Física*. São Paulo: Cultrix, 1983.
- DE BONI, L. A. *O catolicismo da imigração: do triunfo à crise*. IN: DACANAL, J. H. & GONZAGA, S. *RS: colonização e imigração*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 3a. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

- \_\_\_\_\_. *História da Sexualidade (A vontade de saber)*. 10a. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 10a. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- FROEHLICH, J. M. *Sexualidade, Subjetivação e Poder: o discurso de "liberação dos costumes" em Vila Block-RS*. Porto Alegre: PPGS/UFRGS, 1994. (Dissertação de Mestrado).
- GOMEZ, S. *Dilemas de la Sociologia rural frente a la agricultura y el mundo rural en la America Latina de hoy*. IN: VÁRIOS (CADERNOS DE SOCIOLOGIA). *Produção familiar, processos e conflitos agrários*. Porto Alegre:PPGS/UFRGS, 1994, v.6.
- IANNI, O. *Notícias do mundo agrário*. IN: PIPSA. Porto Alegre: UFRGS, Out. 1993. (mimeogr.).
- RIBEIRO, R. J. *Cultura & ética*. Então. No. 17, Porto Alegre, 1994.
- SANTOS, M. *Por uma Geografia nova: da crítica da Geografia a uma Geografia crítica*. 3a. ed. São Paulo: Hucitec, 1990.
- SOROKIN, P. *et alii. Diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano*. IN: MARTINS, J. S.(Org.). *Introdução crítica à Sociologia Rural*. 2a. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- TAVARES DOS SANTOS, J. V. *Crítica da Sociologia rural e a construção de uma outra Sociologia dos processos sociais agrários*. IN: *Ciências Sociais Hoje*. São Paulo: Vértice/ANPOCS, 1991.
- WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 7a. ed. São Paulo: Pioneira, 1992.